

A Elisão, uma Regra Variável

*Leda Bisol**

ABSTRACT: *This paper deals with the constraints of the elision on the external sandhi. The discussion of the results of a quantitative analysis are supported by the autosegmental theory. The role of the main stress, the quality of the vowel and the preservation of the monomorpheme will be considered.*

RESUMO: *Volta-se se neste artigo a considerar as principais restrições do sândi externo à luz da fonologia autossegmental, tomando por ponto de referência a elisão e os resultados de uma análise quantitativa, realizada com dados do VARSUL. O papel do acento principal, a qualidade das vogais e a preservação de monomorfemas serão considerados.*

KEY WORDS: *Deletion, resyllabification, monomorpheme, main stress.*

PALAVRAS-CHAVE: *ressilabação, apagamento, monomorfema, acento principal.*

Introdução

Da análise do sândi que vimos fazendo há algum tempo, alguns resultados se fixam cristalinamente, permitindo-nos fazer algumas afirmações:

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

1. O sândi externo é um processo de ressilabação, motivado pela tendência a evitar hiatos. Trata-se de uma motivação fraca, pois as regras de sândi se aplicam variavelmente.
2. A elisão é controlada por uma restrição rítmica: tende a não ser aplicada se a segunda vogal for portadora de acento principal. Também a degeminação está sujeita a essa restrição (Bisol, 1996a,b). Sobre a elisão há ainda uma restrição morfoprosódica: não se aplica em monomorfemas.

1. A restrição do hiato

Registra-se na literatura diacrônica que o português revela uma tendência para substituir hiatos por ditongos. Assim falam, entre outros, Serafim Silva Neto, 1970; Naro, 1973; Williams, 1975. Na sincronia, como observamos em estudos precedentes, o português apresenta, sistematicamente, alternância entre hiatos e ditongos. Isso nos levou a defender a idéia de que o sistema subjacente não possui ditongos crescentes, mas tão somente hiatos que, na superfície, alternam com ditongos. Em outros termos, hiatos e ditongos intercambiam-se desde o português arcaico a nossos dias. Trata-se, pois, de uma variável com estabilidade.

- (1) di.a.bo ~ dia.bo.
 qui.a.bo ~ quia.bo
 to.a da ~ tua.da
 to. a. lha ~ tua.lha
 se. a. ra ~ sia.ra.

De acordo com a teoria fonológica, CV é a sílaba universal, no sentido de que, se uma língua possui V ou VC, então CV faz parte de seu sistema, mas não vice-versa. A Teoria da Otimidade, que entende ser a gramática um conjunto hierarquizado de restrições que selecionam as formas ótimas entre *outputs* possíveis, afirma que entre VV e CV, a Restrição do Onset escolheria a última como a forma ótima, independentemente de serem bem formadas VV como duas síla-

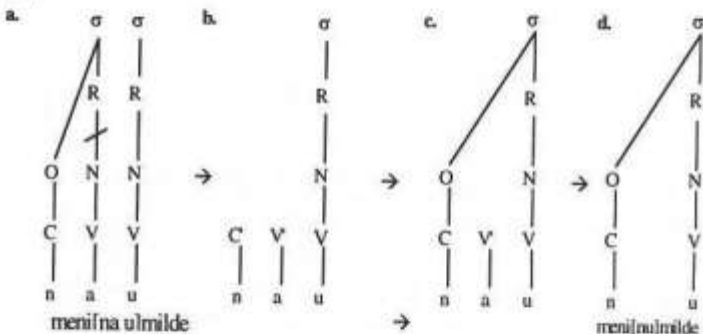
bas, assim como a sílaba CV. Diríamos, pois, que a escolha da elisão ao invés do hiato é intrinsecamente motivada.

Este contexto instigador, VV, pode acontecer tanto no interior da palavra quanto entre palavras, ou seja, na frase, dando margens à degeminação, à ditongação e à elisão. No entanto a última, que é o tema deste artigo, entendida como apagamento da vogal /a/ diante de vogal diferente, somente ocorre na frase. Vejamos exemplos em (2) e a representação em (3):

(2) Elisão

menina humilde: me.ni.na. u.mil.de ~ me.ni.nu.mil.de
 menina orgulhosa: me.ni.na. or.gu.lho.sa ~ me.ni.nor.gu.lho.sa

(3)



Os passos desse processo são os seguintes: criada a situação linguisticamente embaraçosa de hiato (3a), o choque das rimas produz uma dessilabificação, resultando segmentos flutuantes (C', V') como em (3b); a ressilabação, chamada em ocasiões semelhantes, acrescenta a consoante flutuante à sílaba remanescente para formar a sílaba ótima CV (3c). E a vogal não-associada é apagada por convenção, pois, de acordo com o Princípio de Licenciamento Prosódico (Itô, 1986), *todas as unidades fonológicas devem ser prosodicamente licenciadas*, i. é, devem pertencer à estrutura prosódica imediatamente superior. A elisão está descrita.

Por tratar-se de opção e não de mudança obrigatória, a restrição do hiato deve ser entendida como uma restrição fraca, facilmente violada. Um ponto a ser notado ainda é que, na verdade, trata-se de um opção tríplice, *hiato, ditongação e elisão*, pois o mesmo contexto que se presta à elisão também se presta à ditongação. E, nesse caso, tudo indica, a ditongação tem preferência sobre a elisão. É o que se infere dos índices expostos na Tabela seguinte, concernentes a dados do Projeto NURC, (Norma Urbana Culta), de análise precedente (1996), em que as três modalidades de sândi foram estudadas:

Tabela 1
O Sândi no NURC

	Ocorrência	Total de dados	Percentual
Elisão	64	605	11%
Degeminação	495	934	49%
Ditongação	1776	3032	59%

Informantes: 15

É fácil entender o escasso uso da elisão diante das demais. A elisão tem por natureza um ambiente mais limitado por dizer respeito exclusivamente ao apagamento da vogal /a/, o que significa ser menos freqüente o seu contexto em relação aos dois outros, dos quais o mais rico em oportunidades de aplicação é a ditongação. Note-se que um dos contextos da ditongação é exatamente o mesmo da elisão: o que contém uma vogal alta à direita. Note-se ainda que a elisão, afeita às altas e às médias, tem o contexto das médias diminuído, pois elas tendem a tornar-se altas na seqüência VV. Isso mostra que a elisão o mais das vezes entra em conflito não só com o hiato mas também com a ditongação. E neste conflito, infere-se da Tabela (1), a ditongação tende a ser vitoriosa.

- (4) menina humilde > meni[naw]milde ~ meni[nu]milde
menina esquisita > meni[nays]quisita ~ meni[nis]quisita.¹

¹ A variante meni[nes]quisita também é esperada, pois pode manter-se inalterável a vogal subjacente.

Passemos agora aos dados que sustentam este artigo. Trata-se de uma amostra constituída por 12 informantes de Porto Alegre que fazem parte do Projeto VARSUL, Variação Lingüística Urbana no Sul do País.

A amostra para a análise da Elisão, resultante das entrevistas de 12 indivíduos, representativos da amostra de Porto Alegre, é a seguinte:

Tabela 2
A Elisão no VARSUL

Aplicação	Não-aplicação	Percentual	Total de dados
476	968	33%	1447

Portanto foram submetidos ao programa VARBRUL, análise variacionista laboviana, 1447 dados, cujos resultados relevantes, expostos nas Tabelas que seguem, foram obtidos na iteração 11, com a significância .006 e .28 por *input*, valores repetidos em cada tabela, para maiores esclarecimentos.

2. A restrição do acento principal

Em trabalhos precedentes sobre o tema, já referidos, chamamos atenção para o fato de que as regras de sândi tendem a não ser aplicadas se a segunda vogal for portadora de acento principal. Repetindo um velho exemplo, a elisão não ocorre em *Ela mastigava erva*, **ela mastigaverva*, mas pode ocorrer em *ela mastigava erva amargas* ~ *ela mastigaverva amargas*. Ou para citar mais um exemplo, a elisão não se aplica em *casa úmida*, **ca[zú]mida* mas se aplica em *casa humilde*, *ca[zu]milde*. Observemos a Tabela (3).

Tabela 3
O acento

Fatores	Aplicação	Percentual	Peso Relativo
Sem acento	401/1042	38%	.58
Acento primário	62/208	30%	.51
Acento principal	13/194	7%	.15

Input: .28

Significância: .006

Opõe-se acintosamente aos dois outros fatores, por seu baixo peso, o acento principal. O melhor contexto é o das vogais átonas, mas o acento primário parece dizer com seu índice neutro que não é um empecilho.

Os resultados obtidos em análises precedentes, assim como nesta, permitem-nos reafirmar que a elisão, da mesma forma que a degeminação, é controlada pela restrição rítmica do acento principal.

Definido o acento primário como acento da palavra e acento principal como acento da frase, também referido por nuclear, é fácil entender o papel retentor do acento principal neste processo:

O sândi externo tem por domínio qualquer unidade prosódica maior do que a palavra, estendendo-se esse domínio da frase menor à maior, independentemente do nome que venha a tomar. O cabeça de tais domínios prosódicos é o último pé ou a sílaba que porta o acento principal. Preservar o elemento forte de um constituinte é regra geral. Perdê-lo tem o custo de uma reorganização rítmica total.²

² A ditongação que não perde material fonético, como perdem a degeminação e a elisão, não é sensível a esta restrição, pois o elemento que porta o acento principal neste caso é preservado. Perde-se apenas a sílaba, uma entidade fonológica, ou seja, abstrata. Ex: gosto de uva > gos[tju]vas.

3. A qualidade da vogal

O segundo ponto que queremos discutir diz respeito à qualidade da vogal. Partimos da pressuposição de que a vogal posterior seria mais atingida pela elisão do que a vogal frontal, com base nas seguintes evidências:

i) As átonas reduzem-se a cinco vogais na pauta pretônica, a quatro na postônica e a três na átona final, como se lê em Mattoso Câmara Jr. (1970), que toma por base o dialeto carioca: /a, ε, e, i, o, u/ → /a, e, i, o, u/ → /a, e, i, u/ → /a, i, u/, respectivamente tônica, pretônica, átona não final e final. Na postônica não-final, a vogal a ser reduzida é /o/ que se neutraliza com a vogal alta: *fósforo* > *fósfuru*; *árvore* > *árvuri*, resultando um sistema assimétrico de quatro vogais.

Embora em dialetos do Sul a redução da pretônica seja variável, ela atinge também a vogal /e/, *alfândega* ~ *alfândiga* ao lado de *fósforo* ~ *fósfuro*. Todavia é mais freqüente com a vogal posterior. Neste contexto ocorre a síncope em dialetos populares, sendo também nesse caso preferida a vogal posterior.³

ii) Na harmonia vocálica da pretônica, de caráter variável, *menino* ~ *minino*, *coruja* ~ *curuja*, em casos de não homorganicidade, a vogal /u/ mostra-se um condicionador fraco, isto é, a harmonia tende a não ocorrer na relação /e...u/, enquanto na relação /o...i/ é tão produtiva quanto na relação /e...i/. Em outros termos, a vogal /i/ atua com a mesma prodigalidade sobre /e/ e sobre /o/, enquanto a vogal /u/ tende a limitar-se a contextos homorgânicos (Bisol, 1981).

- (5) $\frac{/o...i/}{\text{formiga} \sim \text{furmiga}}$ $\frac{/o...u/}{\text{veludo, ?viludo}}$

Parece, pois, que a vogal /o/ é mais sensível a regras de redução ou apagamento, embora haja um contexto em que se mostra mais resistente do que /e/: o início de palavra. E da

³ Quanto à síncope, ver Marisa Amaral, 2000.

harmonia infere-se que /u/ é um condicionador mais fraco do que /i/.

Diante desses fatos, iniciamos esta análise com a perspectiva de que a elisão seria mais produtiva quando a vogal seguinte fosse posterior, o que os resultados expostos na Tabela (4) confirmam, ao mesmo tempo que indicam que a vogal frontal está também aberta ao processo, uma vez que seu índice se aproxima do ponto neutro, assim entendido (.50).

Razões para ser a elisão mais motivada pela vogal posterior podem ser encontradas também nas similaridades que apresentam as vogais /o, u/ com a vogal /a/, propulsora da regra, ambas posteriores, uma vez que processos de assimilação são favorecidos entre segmentos aparentados.

Tabela 4
A Segunda Vogal

Fatores	Aplicação	Percentual	Peso Relativo
frontal	233/932	25%	.45
posterior	243/512	47%	.59

Input: 28

Significância: .006

4. O monomorfema

O terceiro ponto a ser observado diz respeito a monomorfemas: O hiato é a forma preferida quando uma das vogais a ser apagada é um monomorfema, como mostram os exemplos abaixo:

- (6) a. Moro na esquina → *moro [nis]quina
 b. Cuida da entrada → *cuida [den]trada
 c. Mora na Holanda → *mora [no]landa

Existem em {na} e {da}, dois monomorfemas combinados. Esses tendem a ser preservados. A análise laboviana sustenta essas considerações, como se depreende da Tabela seguinte:

Tabela 5
Monomorfemas

Fatores	Aplicação	Percentual	Peso Relativo
oo + mono	234/472	50%	.56
oo + oo	228/776	29%	.52
combinação de mono	7/96	7%	.31
mono + oo	7/100	7%	.26

Input: .28

Significância: .006

- (7) a. Qualquer item lexical + mono : leva o menino, le[vu] menino
 b. Sem monomorfemas: casa escura, ca[zis]cura
 c. Combinação de morfemas: da escola, *[dis] cola⁴
 d. Mono + qualquer item lexical: a enchente, *enchente

Mostram ser os dois primeiros contextos, exemplificados em (7a,b); faz-se mais rara a elisão nos dois outros (7c,d), notadamente na última que apaga monomorfemas sem deixar vestígios. Os índices expressivamente abaixo do ponto neutro assim sugerem. Talvez melhores resultados tivessem sido obtidos se a combinação do tipo *na* ou *da* tivesse sido incluída no último item, pois implica como aquele em apagamento de morfema constituído apenas de um segmento. De toda forma, a Tabela acima expõe resultados que estão em conformidade com as expectativas no que diz respeito à preservação de morfemas.

Interessante observar que a degeminação, que reduz vogais idênticas a uma só vogal, não possui essa restrição:

- (8) Degeminação
 Recado ao Joao recado à Maria (a+a)
 Mora na aldeia ~ mora naldeia
 Perto da alameda ~ perto d'alameda.

⁴ Nesta classe foram incluídos também para e pra. Ex: Vou pa[res]cola ou [pres]cola.

Parece que o morfema, quando se identifica com os traços fonológicos da vogal remanescente, sente-se por ela representado. Por outro lado, qualquer exercício de identificação de morfemas em (8) traz à superfície as duas vogais idênticas. Diferentemente, a elisão do morfema em (6) deixa prejudicado o sentido da frase, cuja identificação nem sempre se faz clara: **cuida dentrada*, por exemplo, tanto poderia estar por *cuida de entrada* como *cuida da entrada*.

O ponto crucial é ser o sândi um processo pós-lexical e a teoria, na modalidade conhecida como Fonologia Lexical, predizer que toda e qualquer informação morfêmica não existe mais no nível prosódico, pós-lexical propriamente, pois à medida que os colchetes, delimitadores de morfemas, vão sendo apagados, durante o processo derivacional, ela vai sendo eliminada. Então pergunta-se: Como dar conta da não-aplicação da elisão diante de um monomorferma, se não há mais, no domínio da aplicação da regra, que é pós-lexical, meios de distinguir, por exemplo /de/ de /da/, a não ser pela qualidade fonética da vogal ou por fatores ligados à intensidade, duração, altura ou outras propriedades prosódicas?

É possível que se trate de uma relação entre morfologia e prosódia, questão que merece maior discussão. Por ora fique-mos com os fatos: Inserido na hierarquia prosódia, a combinação na como sílaba CV, onde C e V são morfemas diferentes, em+a, a não pode ser apagado, por se tratar de um morfema constituído de um só segmento, como não pode em (9a), mas pode em *pra*, (9b), embora monossílabo, porque deixa sinais, assim como em *para*, sua forma base (9c).

- (9) a. falei a Orlando * falei Orlando
 b. recado pra Elisa recado [prelisa]
 c. recado para Elisa recado [parelisa]

5. As palavras

Que não se trata de implicações que digam respeito a específicas categorias morfológicas deixam claros os resultados expostos na Tabela (6), que dispõe valores de acordo com a

combinação de palavras, consideradas em dois grande grupos: lexicais e funcionais.

Tabela 6
Léxico

Fatores	Aplicação	Percentual	Peso Relativo
Palavra lexical + palavra funcional	329/712	46%	.60
Palavra lexical + palavra lexical	65/172	38%	.59
Palavra funcional + palavra funcional	38/155	25%	.52
Palavra funcional + palavra lexical	44/405	11%	.28

Input: .28

Significância: .006

Todos os fatores, menos um, apresentam valores acima do ponto neutro (.50), indicando que não fazem obstáculo à regra. A exceção está na combinação palavra funcional + palavra lexical, bem representada nos dados (405), com a aplicação reduzida a 11% e ao peso relativo de .28. Há nitidamente uma resistência. Seguem-se exemplos:

- (10) a. Palavra lexical + palavra funcional
 morava em Dom Pedrito mo.ra.[veñ] ...
 b. Palavra lexical + palavra lexical
 contava histórias conta[vis]tórias
 c. Palavra funcional + palavra funcional
 não sabia pra onde ir [pron]de ir
 d. Palavra funcional + palavra lexical
 esta ovelha es[to]velha

Todas as combinações podem oferecer contexto para a regra que tem duas restrições, a do acento principal e a dos monomorfemas. A primeira pode ocorrer em qualquer combinação, fazendo uma barreira à regra, mas a segunda se faz mais presente na última.

Em (10 a), quando a segunda V for uma monomorferma, não há obstáculo, pois a vogal que se apaga é a primeira: *leva o filho ao colegio* > *le[vu] filho*; por sua vez, (10 c) oferece raros contextos de monomorfemas na primeira posição, *daqui a uns minutos*, por exemplo. Esses proliferaram em (10 d): *A escolinha*

de Maria é bonita, mas não **escolinha de Maria é bonita*. Em nosso entender esta variável refletiu sobretudo o papel retentor dos monomorfemas.

Eis aí um tema que merece maior discussão, o que pretendemos fazê-lo em breve. Por ora falamos os dados e a análise quantitativa apresentados com as reflexões que motivaram estas linhas.

EM SUMA, a elisão, o sândi externo que consiste no apagamento da vogal /a/ diante de vogal diferente, é controlada por duas retrições: i) não ocorre se a segunda vogal for portadora do acento principal e ii) não ocorre se a primeira vogal for um monomorfema, assim entendido o morfema constituído de apenas um segmento.

Referências Bibliográficas

- Amaral, M. (2000) *Proparoxítonas: Teoria e variação fonológica*. Tese de doutorado. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica.
- Bisol, L. (1996a) Sândi externo: o processo e a variação. In: Kato, M.A.(Org.). *Gramática do Português falado, vol. V: Convergências*. Editora da Unicamp, 55-95.
- ____ (1996b) O sândi e a ressilabação. *Letras de Hoje*, vol. 31, n.2, 1996b. p. 159-168.
- ____ (1981) *Harmonização vocálica, uma regra variável*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Câmara, Jr. J. M. (1970) *Estrutura da língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- Naro, A. J. (1973) *Estudos Diacrônicos*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Silva Neto, S. (1970) *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal.
- Williams, E. B. (1975) *Do Latim ao Português*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.